

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Martin Scorsese, Entre a Raiva e o Silêncio

24 de Setembro de 2026

GEORGE HARRISON: LIVING IN A MATERIAL WORLD / 2011

um filme de Martin Scorsese

Realização e Argumento: Martin Scorsese / **Imagem:** Martin Kenzie, Robert Richardson / **Montagem:** Benjamin Murray / **Som:** Dudley Houlden, Juan Nunez, Stuart Wilson / **Arquivista-Chefe:** Richard Radford / **Com as presenças de (entrevistados):** Harry Harrison, Peter Harrison, Paul McCartney, Klaus Voormann, Astrid Kirchherr, Ringo Starr, George Martin, Eric Clapton, Joan Taylor, Ravi Shankar, Pattie Boyd, Ken Scott, Jane Birkin, Yoko Ono, Jim Keltner, Olivia Harrison, Eric Idle, Terry Gilliam, Ray Cooper, Dhani Harrison, Jackie Stewart, Tom Petty / **Material de arquivo/participações de:** George Harrison, John Lennon, Stuart Sutcliffe, Mick Jagger, Derek Taylor, Brian Epstein, Dick Cavett, Lakshmi Shankar, David Frost, Maharishi Mahesh Yogi, Louise Harrison, Harold Harrison, Billy Preston, Gerald Ford, Neil Aspinall, Mukunda Goswami, Phil Spector, Malcolm Muggeridge, Michael Palin, Billy Connolly, Michael Aspel, Jimi Hendrix Roy Orbison Bob Dylan.

Produção: Grove Street, Spitfire Pictures, Sikelia Productions (Estados Unidos) / **Produtores:** Olivia Harrison, Martin Scorsese, Nigel Sinclair / **Produtores Executivos:** Margaret Bodde, Scott Pascucci, Emma Tillinger Koskoff / **Cópia:** em DCP (1ª parte) e em ficheiro (2ª parte), cor e preto e branco, versão original em inglês, com legendas electrónicas em português / **Duração:** 94 min + 114 min = 208 minutos / **Primeira apresentação pública:** 2 de Setembro de 2011, Telluride Film Festival, Estados Unidos / **Primeira exibição na Cinemateca.**

Nota: Intervalo. A sessão terá um intervalo de 10 minutos após a 1ª parte do filme, aos 94 minutos.

Um filme dedicado a George Harrison, o mais discreto membro dos Beatles, que faz parte da série de documentários que Scorsese realizou sobre um conjunto de músicas e de bandas que o terão marcado. Há os filmes sobre Bob Dylan e depois há este filme sobre o “quiet Beatle”, trabalho de longo curso, que poderia ser reduzido a metade. Isto porque, não obstante o exaustivo trabalho com imagens de arquivo e as importantes entrevistas realizadas de propósito para o filme, **George Harrison: Living in the Material World** arrasta-se ao longo de mais de três horas. Se a primeira hora e meia, que corresponde aos “princípios” de Harrison e aos anos dos The Beatles, tudo está bem integrado, na segunda parte, com cerca de duas horas, há momentos em grande parte dispensáveis, como o protagonismo que é dado à sua segunda mulher, Olivia Harrison, que descreve com detalhe episódios da sua vida a dois. A posteriori percebemos que esta é uma das produtoras do filme, e talvez isto justifique o seu papel de destaque, embora sacrificando o conjunto.

Mas começemos pelo início. Scorsese documenta a biografia de George Harrison montando as entrevistas inéditas com muitos dos que lhe foram próximos, o que constitui material de um valor incalculável, com filmagens de concertos e vídeos domésticos. Os The Beatles têm um papel determinante na primeira parte de **Living in the Material World**, que termina cronologicamente pouco depois da sua cisão. São entrevistados os ex-Beatles ainda vivos – Ringo Starr e Paul McCartney –, que

têm uma forte presença no filme, mas os restantes e o próprio George Harrison, que morreu em 2001, são convocados a partir de imagens de arquivo criteriosamente escolhidas, extremamente evocativas do que foi a “febre dos Beatles” e como tal influenciou a banda de Liverpool. Scorsese centra-se na importância de Harrison no grupo enquanto guitarrista, mas também no papel que teve em termos de composição, embora, como se enfatize, a maioria das canções dos The Beatles tenha sido escrita por John Lennon e Paul McCartney. Revela-se como a maioria dos álbuns dos Beatles continha pelo menos uma composição de Harrison, aparecendo mesmo no genérico de **Living in the Material World** os nomes das suas músicas, em que se incluem grandes êxitos como "While My Guitar Gently Weeps", "Something" e "Here Comes the Sun", correspondendo à sua progressiva maturação e reconhecimento como compositor. A cisão do grupo é abordada directamente por Paul McCartney e por Ringo Starr, que referem as dificuldades sentidas ao longo dos anos, mas também a forte cumplicidade que os unia. “Éramos como os quatro vértices de um quadrado”, e de todos dependia o nosso equilíbrio, afirma McCartney. Os seus amigos mais próximos e as relações de então contribuem para um mais vívido retrato: o músico Klaus Voormann, Astrid Kirchherr (a fotógrafa e amiga que acompanhou a banda desde o início e da qual vemos algumas imagens), Eric Clapton, grande amigo de Harrison, que como nos é dado a ver acabou por se juntar com Pattie Boyd, a mulher de Harrison ao longo da década mais importante dos Beatles, que também nos dá o seu testemunho.

A segunda parte de **Living in the Material World** concentra-se mais no modo como se desenvolveu a carreira de Harrison a solo e no seu crescente interesse pela música oriental e pela espiritualidade, que já haviam influenciado os The Beatles. O nome do filme de Scorsese é curiosamente **Living in the Material World**, o título do quarto álbum a solo de Harrison, lançado em 1973 e muito influenciado pelos ensinamentos de Swami Prabhupada, fundador do movimento Hare Krishna, como percebemos por várias das suas canções. Mas “Living in the Material World” corresponde também a um paradoxo que atravessou toda a vida de Harrison, dada a sua necessidade de conciliar o progressivo interesse pela espiritualidade com o mundo material que o rodeava, e a “materialidade” associada à fortuna e ao sucesso de um ex-Beatle”, Aborda-se o famoso concerto para o Bangladesh e como músicos importantes colaboraram com Harrison naquele período, entre eles Zakir Hussain e Ravi Shankar, que participou neste concerto de 1971 em prol dos refugiados. Mas também a devoção de Harrison à espiritualidade hindu, que coexiste dificilmente com uma fase em que envereda mais fortemente pelas drogas. Penso que é Ringo que diz a dada altura, na sequência de uma alusão ao uso das drogas ainda nos Beatles, como “tinham que agradecer a Paul ter feito muitas músicas, pois ele queria sempre trabalhar”. Momento em que no filme se refere como Harrison deixou as drogas para se dedicar à meditação. A importância da aquisição da grande mansão de Friar Park para a fase posterior da sua vida está presente desde o início do filme. Vemos Harrison em imagens amadoras por detrás de flores, que cuidaria com a mesma devoção com que comporia as suas músicas. O lugar onde talvez encontrasse a paz e a conciliação entre dois mundos tão difíceis de conciliar. Mas trata-se de uma casa e de um parque que Harrison também hipotecaria pela vontade de produzir **The Life of Brian**, dos Monty Python, revelando-se a sua excentricidade.